

Haydu, Verônica Bender. Amor romântico correspondido. **Tribuna do Vale do Paranapanema**, Rolândia, nº 1184, p. 7, ago. 2005.

Amor romântico correspondido

Amor romântico correspondido. O que é isto? Existe isso? Existe o amor?

Se observarmos a vida das pessoas nas sociedades ocidentais urbanas, concluiríamos que a maioria não sabe o que é o amor e, muito menos, que ele pode ser correspondido. Muitos acham que amor é coisa do passado e que está fora de moda. O romance acabou. Os jovens não namoram mais, apenas ficam. Ficar é estar com alguém por uma noite, numa festa ou na balada. Ficar é não ter compromisso com o amanhã. Só aqui e agora. Ficar implica, no dia seguinte, não ter que ligar e não querer fazer contato com ela ou com ele.

Um outro indício, de que o amor romântico ocorre com frequência cada vez menor nos relacionamentos, está na quantidade de divórcios e de separações. Não é raro encontrar pessoas, principalmente, homens, que já estão no terceiro ou quarto casamento. E muitas pessoas, que já foram casadas, dizem que nunca mais querem ter outra experiência como a que vivenciaram. Ele ou ela prefere ficar sozinho(a).

Os casamentos e o namoro estão sendo substituídos por encontros virtuais na Internet. Até o sexo está sendo praticado por intermédio deste meio de comunicação, onde a pornografia é de fácil acesso. Há um consumismo de relações que não dá oportunidade para as pessoas se conhecerem e para se tornarem íntimas. Há uma idolatria pelo sexo, que é praticado sem nenhum romantismo. Muitas pessoas não sabem o que é “fazer amor”.

Por que é tão difícil ser feliz a dois? Será que todos os casamentos estão condenados ao fracasso? Certamente que não. A questão então poderia ser a seguinte: Qual o segredo dos casamentos que dão certo?

Eu não vou dar aqui uma receita milagrosa, mas tenho certeza que é uma dica muito importante é: estabeleça cumplicidade. Você pode estar se perguntando, mas o que é cumplicidade? Um exemplo muito simples fará você identificar, imediatamente, a que estou me referindo. Você se lembra de quando era criança ou adolescente e você e seu irmão, ou você e um amigo tinham um segredinho, que não queriam que os outros

ficassem sabendo? Bastava um olhar, para que os dois entendessem que era hora de fazer silêncio, de disfarçar. Na hora em que ocorreu essa troca de olhares e ocorreu o entendimento, você experienciou a sensação de ter cumplicidade.

A cumplicidade pode vir a se estabelecer em diferentes ocasiões, uma delas sendo as situações problemáticas que afetam o bem estar de um ou do outro parceiro. Por exemplo, se em uma dada circunstância, quando ela estiver enfrentando um problema externo ao relacionamento, ele ficar do lado dela e ajudá-la, ao invés de dizer coisas como “É problema seu”, ou “Você vive se metendo em problemas!”, ela sentirá conforto e companheirismo. Isto fará com que ela, provavelmente, retribua, quando ele estiver enfrentando problemas. Havendo reciprocidade sempre que necessário, quando um problema interno ao relacionamento acontecer, os dois terão aprendido a ser cúmplices, o que aumentará as chances de juntos encontrarem a solução de possíveis problemas conjugais que venham a surgir.

O sentimento de amor correspondido é muito forte quando há cumplicidade e não se constrói com cobranças, acusações mútuas, chantagens, postura de vítima, covardia ou hipocrisia. A camaradagem, a confiança, o respeito e a cumplicidade integram o casal de forma a tornar o amor romântico uma realidade e a certeza de se ser correspondido.

Verônica Bender Haydu
Professora da Universidade Estadual de Londrina
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo